

**O que o rap
tem a dizer
sobre o
extermínio da
juventude
negra, pobre e
periférica?**

**Daniel Péricles
Arruda¹**



**What does rap
have to say about
the extermination
of Black, poor,
peripheral youth?**

¹ Doutor em Serviço Social pela PUC-SP.
Docente da UNIFESP. E-mail:
periclesdaniel@yahoo.com.br.

Resumo

O objetivo é identificar e refletir sobre o que a música *rap* tem a dizer a respeito do extermínio da juventude negra, pobre e periférica no Brasil, a partir da análise das canções do grupo Racionais MC's. Essas músicas apresentam elementos afetivos, reflexivos e políticos sobre o tema. Anualmente, os homicídios de jovens, no país, conforme dados estatísticos, apresentam índices superiores aos de países em condição de “guerra oficializada”. No caso brasileiro, essa situação pode ser mais complexa, pois o extermínio – em suas várias formas e seus diversos motivos – expressa-se na vida cotidiana como prática cultural, por isso é naturalizado, consentido e desejado por parte significativa da sociedade.

Palavras-chave: Extermínio; Juventudes Periféricas; Racionais MC's; Rap; Relações Étnico-raciais.

Abstract

The objective is to identify and reflect on what rap music has to say about the extermination of black, poor, and peripheral youth in Brazil, based on the analysis of the songs by the group Racionais MC's. The themes of these songs have affective, reflective, and political elements. Annually, the homicide rate of young people in the country, according to statistical data, are higher than in countries with conditions of “declared war”. In the Brazilian case, this situation may be more complex, as extermination – in various forms and for diverse reasons – is expressed in everyday life as a cultural practice, which is why it is naturalized, consented, and desired by a significant part of society.

Keywords: Extermination; Peripheral Youths; Racionais MC's; Rap music; Ethnic-racial relations.

Introdução

O *rap* emergiu historicamente como um gênero musical de forte expressão política de jovens negros moradores da periferia. Trata-se de uma arte resultante de processos culturais das diásporas africanas, por isso tem história, fundamento, sentimento e propósito. Por meio dessa música, muitos jovens norte-americanos vivenciaram contextos de prazer e alegria, bem como conseguiram se posicionar em relação ao racismo, à violência e à desigualdade social vivenciada por eles na década de 1970, nos Estados Unidos da América.

No Brasil, na década de 1980, a cultura *hip-hop*² foi acolhida e desenvolvida principalmente por jovens da periferia, e cada região tem a sua história peculiar sobre o seu desenvolvimento. De modo específico, a história da cultura *hip-hop* da cidade de São Paulo é uma das mais conhecidas pelos integrantes da cultura no país inteiro.

Na análise do conteúdo da música *rap*, percebe-se que desde sua origem foram abordados vários temas, destacando-se os desafios da vida cotidiana das juventudes periféricas. Assim, para refletir sobre a questão do extermínio da juventude negra, pobre e periférica, foram analisadas algumas músicas do grupo de *rap* paulistano Racionais MC's, devido à sua ampla trajetória e imensa contribuição para a cultura *hip-hop*, por ser um dos principais grupos que influenciaram (e influenciam) milhares de jovens, e por terem produções que abordam diretamente as questões sobre violência, classe, pobreza e raça/racismo.

Inclusive, cabe considerar que esses temas são estruturais das primeiras gerações do *rap* nacional, bem como nas composições e na história dos Racionais MC's, e que as músicas selecionadas para este texto não representam a totalidade desses temas abordados pelo grupo.

Dentre as várias canções, foram selecionadas cinco: “Pânico na Zona Sul”³ (do disco *Consciência black*, v.I – 1989); “Racistas otários” (do disco *Holocausto urbano* – 1990); “Voz ativa” (do disco *Escolha seu caminho* – 1992); “Capítulo 4, versículo 3” (do CD *Sobrevivendo no inferno* – 1997); e “Negro drama” (do CD *Nada como um dia após o outro dia* – 2002).

² A cultura *hip-hop* é constituída pelos seguintes elementos: *DJ* (*disc jockey*), *MC* (mestre de cerimônia), *breaking*, *graffiti* e conhecimento. De acordo com Afrika Bambaataa ([s.d.], p. 26): “(...) muita gente se concentra apenas nos quatro elementos do Hip Hop, mas muitos vão atrás do quinto elemento, o conhecimento”. Resposta dada, em entrevista à *Revista Da Rua* n. 5, ao ser indagado sobre o porquê ele defende a tese de que a história deve ser recontada, principalmente, a africana.

³ A música também faz parte do disco *Holocausto urbano*, de 1990.

A proposta, portanto, também foi construir uma base reflexiva de fundamento diferente, ou seja, por considerar a arte uma das formas de conhecimento, aqui as composições musicais são apresentadas como referência principal, a partir das narrativas poéticas do grupo que em seu percurso, inclusive, com base em suas experiências juvenis e periféricas, se preocupou em denunciar e protestar, por meio do *rap*, contra as condições da juventude negra, pobre e periférica, apresentando questões significativas como conflitos, desejos, traumas, esperanças, potências, angústias e medos. Isto é, elementos essenciais para refletir a formação, a condição e a expressão desses sujeitos periféricos que, pelos processos de invisibilização, como o estigma e o preconceito, são vistos como sujeitos perigosos, incapazes, dentre outras construções.

Por essas razões, articula-se a abordagem psicanalítica para refletir sobre tais questões e apresentar algumas pistas emergentes e norteadoras a partir daqueles que vivenciam a realidade da vida cotidiana em territorialidades periféricas. É importante dizer também que este artigo foi desenvolvido e apresentado como trabalho final no curso Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma I, do Instituto Sedes Sapientiae, ministrado pela Profa. Dra. Noemi Moritz Kon, em 2019.

Aspectos do pânico social

Só quem é de lá sabe o que acontece
Racionais MC's, "Pânico na Zona Sul", 1989

O extermínio de jovens negros, pobres e periféricos no Brasil não é um acontecimento recente, mas uma prática histórica de violação dos direitos humanos. Basta analisar os períodos históricos e suas várias formas de eliminar determinados sujeitos negros da sociedade, por exemplo, por meio da "miscigenação"⁴, da negação de direitos, da falta de reconhecimento identitário, da construção de estigmas e feridas narcísicas, da constituição caricata do corpo e da imagem, da fragmentação subjetiva do conhecimento de si e do outro, do enfraquecimento da capacidade de autopreservação e da instauração do pânico social como mecanismo de autoextermínio e controle.

⁴ Gomes (2005, p. 58), questiona Gilberto Freyre [Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, de 1933/2006] que via a miscigenação como "[...] motivo de orgulho do nosso caráter nacional". Entretanto, de acordo com a autora, a miscigenação "[...] foi construída a partir da dominação, colonização e violência, sobretudo, de uma profunda violência sexual dos homens brancos em relação às mulheres negras e indígenas".

Sobre esse último aspecto, observa-se que a música “Pânico na Zona Sul”, de 1989, refere-se a uma região da cidade de São Paulo onde estão situados alguns territórios como Campo Limpo, Capão Redondo, Grajaú, Parelheiros, Parque Santo Antônio e Jardim Ângela, este último considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o bairro mais violento do mundo, em 1996. A narrativa desse *rap* apresenta os desafios vivenciados pelos moradores desses territórios, que sofrem com a cotidianidade letal proporcionada pelo Estado, pelos conflitos comunitários e pelo abandono social que os levam a dizer que “ninguém quer ouvir a nossa voz” (Racionais MC’s, 1989).

O abandono social é uma das formas de exterminar desejos e modos de subjetivação das sujeitas e sujeitos periféricos. E não os ouvir acaba por ser um modo de confiná-los à sua própria condição desigual, certamente provocando tensões psíquicas. A periferia é muito mais do que uma posição geográfica. Esse território vive de modo intenso e diário as relações entre sujeito e cultura, potência e conhecimento, exclusão e insegurança, pulsão e frustração, culpa e desamparo. Freud (1930/2011b, p. 49) afirma que “o medo de uma revolta dos oprimidos leva a rigorosas medidas de precaução”. Assim, indaga-se: “Quantos terão que sofrer pra se tomar providência?/ Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência?/ E com certeza ignorar a procedência” (RACIONAIS MC’s, 1989).

Essas interrogações são pertinentes para pensar na urgência de respostas para lidar com os problemas. De um lado, as mortes em sequência reforçam o pânico e produzem territórios em luto constante. De outro, justificam a ideia de que sujeitos periféricos são violentos natos e que a morte é consequência de seus comportamentos, não importando sua história, por isso “acabar com delinquentes eles acham ótimo” (RACIONAIS MC’s, 1989). É preciso ouvir o sujeito *singular e coletivo, o sujeito da massa, e o sujeito e sua massa* (FREUD, 1921/2011a). Com críticas e apresentando alternativas, a narrativa afirma:

Vimos falar que pra mudar/ Temos que parar de se acomodar/ E acatar o que nos prejudica/ O medo, sentimento em comum, num lugar que parece sempre estar esquecido/ Desconfiança, insegurança, mano/ Pois já se tem a consciência do perigo (RACIONAIS MC’s, 1989).

A mensagem da música “Pânico na Zona Sul” é uma reflexão a partir de um sofrimento social, denuncia uma fatídica realidade e propõe alternativas para enfrentar

a situação, pois há o desejo de uma vida melhor e a importância da implicação de seus moradores na situação, ou seja, “A mudança estará em nossa consciência/ Praticando nossos atos com coerência/ E a consequência será o fim do próprio medo” (RACIONAIS MC’s, 1989).

A raça, o racismo e o racista

O sistema é racista, cruel/ Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus
Racionais MC’s, “Racistas otários”, 1990

552

O termo “sistema” é, frequentemente, utilizado em muitas músicas de *rap* referindo-se às elites dominantes do país, à produção e reprodução estrutural e conjuntural da lógica capitalista, e aos setores e representantes institucionais que exercem forças a favor da desigualdade sociorracial e da violência contra sujeitas e sujeitos periféricos. Para os Racionais, em “Racistas Otários” (1990), esse sistema é racista e cruel, pois atua contra um determinado sujeito a partir do critério raça/cor. Considera-se indispensável analisar essa questão atrelada à classe social e às relações de gênero (sendo, este último, um aspecto relevante e questionável a ser discutido no cerne da cultura *hip-hop* a partir de sua trajetória e desenvolvimento no país), pois, na atualidade, conforme Cerqueira (2018) e Waiselfisz (2016) são os jovens negros, pobres, de baixa escolaridade e com idade entre 15 e 29 anos os mais acometidos pela violência letal. É como se não houvesse leis no país; pelo contrário, a verdade é “Que a lei é implacável com os oprimidos” (RACIONAIS MC’s, 1990).

A raça⁵, numa perspectiva social e política, é a reivindicação da história de um povo que foi submetido por muitos anos à escravização; refere-se à cultura e à formação de si. Entretanto, o termo raça, historicamente, percorreu contextos movediços – de acordo com Mbembe (2018a), foi utilizado inclusive para nomear humanidades não europeias. Certo é que:

⁵ Segundo Munanga e Gomes (2006, p. 175), “(...) o Movimento Negro e vários estudiosos, atualmente, quando usam o termo ‘raça’, não o fazem alicerçados na ideologia nazista. Ao contrário, eles rejeitam a ideia de que existam raças superiores e inferiores. Os grupos políticos lançam mão do conceito, dando-lhe um outro significado, relacionado ao reconhecimento da diferença entre grupos humanos, sem atribuir qualidades positivas ou negativas, ao reconhecimento da condição, das origens ancestrais e identidades próprias de cada um deles. Esse uso tem um sentido social e político, que diz respeito à história da população negra no Brasil e à complexa relação entre raça, racismo, preconceito e discriminação racial”.

[...] raça e racismo fazem parte dos processos fundamentais do inconsciente, ligados aos impasses do desejo humano – apetites, afetos, paixões e temores. São simbolizados, sobretudo, pela lembrança de um desejo originário frustrado, ou então um trauma cujas causas muitas vezes nada têm a ver com a pessoa que é a vítima do racismo. Por outro lado, a raça não decorre somente de um efeito ótico. Não diz respeito unicamente ao mundo sensorial. É também uma maneira de estabelecer e de afirmar o poder. É, acima de tudo, uma realidade especular e uma força pulsional. (MBEMBE, 2018a, p. 68/69).

O racismo não é uma prática apenas consciente, mas também inconsciente, e nem todas as suas razões e respostas estão, em si, na questão étnico-racial (KON *et al*, 2017). Na música “Racistas Otários” (1990), observa-se não ser preciso que o sujeito seja culpado para se tornar vítima do autoritarismo e do abuso de poder dos representantes do Estado. A música chama a atenção para os mecanismos do racismo, retrata a experiência de ser negro pelo próprio negro (FANON, 1952/2008), e afirma que “No meu país o preconceito é eficaz/ Te cumprimentam na frente e te dão um tiro por trás” (RACIONAIS MC’s, 1990).

Assim, portanto, didaticamente, se há raça e racismo, há também o sujeito racista que não reconhece a humanidade do outro, pois tem em si a marca da indiferença, da destruição e do controle para com aqueles que não são iguais a ele. Mbembe (2018a, p. 69) considera que “para o racista, ver um negro é não ver que ele não está lá; que ele não existe; que ele não é outra coisa senão o ponto de fixação patológica de uma ausência de relação”.

Não se nasce racista, mas se morre por causa do racismo, principalmente no Brasil. E muitas dessas mortes são simbólicas e subjetivas⁶, por isso, chamar os racistas de “otários” é uma forma de se defender e questionar a sua consciência: “Porém, direi para vocês, irmãos/ Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos/ O preconceito e o desprezo ainda são iguais/ Nós somos negros também temos nossos ideais/ Racistas otários nos deixem em paz” (RACIONAIS MC’s, 1990).

O enfrentamento da juventude por meio da voz

Tenho orgulho de mim, um rapper em ação/ Nós somos negros sim, de sangue e coração
Racionais MC’S, “Voz ativa”, 1992

⁶ Vide Arruda (2020 e 2021).

O debate sobre raça e racismo continua na música “Voz ativa”, do disco *Escolha seu caminho*⁷. E, logo no começo, a canção afirma: “Eu tenho algo a dizer/ E explicar pra você/ Mas não garanto, porém/ Que engraçado serei dessa vez” (RACIONAIS, 1992). O momento é de diálogo e de tratar abertamente a condição da juventude, da raça, do racismo e da vida social. Dessa vez, o grupo Racionais MC’s (1992) apresenta explicações e fundamentos sobre essas questões de maneira franca, passando a mensagem positiva e explicativa do *rap* para a juventude, pois uma das ideias da música é que os sujeitos periféricos questionem a realidade em que vivem, que não naturalizem as desigualdades sociais e raciais e que não aceitem a vida como ela é, pois “entre madames fodidas e os racistas fardados/ De cérebro atrofiado, não te deixam em paz/ Todos eles com medo, generalizam demais/ Dizem que os negros são todos iguais/ Você concorda...” (RACIONAIS MC’S, 1992).

Ao discutir esse tema com a juventude, apontam que “nossos irmãos estão desnorteados/ Entre o prazer e o dinheiro, desorientados” (RACIONAIS MC’S, 1992). O rap pode ser a orientação para muitos jovens, até mesmo, em uma perspectiva simbólica, atuando como um *pai*. De fato, sem norte e sem orientação, torna-se difícil a construção de processos de identificação étnico-racial com valor humano e com reconhecimento social digno. E o prazer e o dinheiro nem sempre eliminam o desamparo e a frustração. Isto é, há uma lacuna entre o cotidiano e a história que inverte as realidades e os sentidos. O racismo provoca lacunas, e pode deixar o sujeito desnorteadado e desorientado, e isso pode trazer “vantagens” para o sujeito racista, já que negando o racismo ao mesmo tempo que o pratica, ele transfere ao outro a responsabilidade da perda de si e o conflito da culpa por ser o que é e como é, tornando-o fragmentado. Assim, “Precisamos de um líder de crédito popular/ Como Malcolm X, em outros tempos foi na América/ Que seja negro até os ossos, um dos nossos/ E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços” (RACIONAIS MC’S, 1992).

Não é fácil ter orgulho de ser negro em uma sociedade racista. É desafiante ter orgulho do que se é ao ver-se representado de modo caricato, principalmente na televisão, voz midiática de amplo alcance e de consumo diário por parte significativa da população. E o clamor crítico dos Racionais (1992) é pelo basta: “Chega de festejar a desvantagem/ E permitir que desgastem a nossa imagem”. A alteração da imagem

⁷ Vide música *Negro limitado*, do mesmo álbum.

do negro para inferiorizá-lo, na verdade, é a expressão da imagem da ignorância e do racismo do outro.

Mas onde estão meus semelhantes na TV, nossos irmãos/ Artistas negros de atitude e expressão/ Você se põe a perguntar: Por quê?/ Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que/ Esse é o Brasil que eles querem que exista/ Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque/ Eles te mostram um país que não existe/ Esconde nossa raiz/ Milhões de negros assistem/ Engraçado que de nós eles precisam/ Nosso dinheiro eles nunca discriminam/ Minha pergunta aqui fica/ Desses artistas tão famosos/ Qual você se identifica? (RACIONAIS MC'S, 1992).

555

A busca pela imagem de si é a busca pelo reconhecimento do eu. E a voz dessa juventude, que não é dada, e sim, talvez, ouvida, expressa o desejo de justiça em que se tem “Branços em cima, negros em baixo/ Ainda é normal, natural/ 400 anos depois, 1992, tudo igual/ Bem-vindos ao Brasil colonial e tal” (RACIONAIS MC'S, 1992).

A voz ativa dessa juventude expressa o terreno amplo da fala e da linguagem. A partir de Lacan ([1953]1998), sabe-se que a fala é uma das manifestações da linguagem e que as cadeias simbólicas constituídas pelo sujeito apresentarão múltiplas possibilidades de produção de significantes e significados, ou seja, as concepções de juventude e de raça não são as mesmas de anos atrás; além disso, não são expressas e apreendidas por todos da mesma forma. Cantar um *rap* é uma forma de mostrar seu corpo e dizer para o outro, mas também para si. Lacan ([1953]1998, p. 302) considera que “a fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo”.

O rap analisando a fronteira do céu com o inferno

*60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial/
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras/
Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros/
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo/
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente/
Racionais MC's, “Capítulo 4, Versículo 3”, 1997*

O debate sobre a condição das juventudes periféricas persiste nas composições dos Racionais MC's (1997), como na música “Capítulo 4, versículo 3”. Logo no início, há a enunciação destacada de Primo Preto (utilizada como epígrafe deste tópico), que apresenta dados sobre essas juventudes em relação à violência policial, às mortes e à representação no ensino superior.

O título da música faz pensar que a cultura *hip-hop* é como uma religião para as juventudes periféricas; assim, o *rap* é o seu louvor, o caminho em que ecoa a voz. Essa música compõe o CD intitulado *Sobrevivendo no inferno* (1997), álbum ícone na cultura *hip-hop* e que expressa devidamente a condição dessas juventudes que não vivem e sim sobrevivem, e em um local que é o “inferno”, de forma análoga ao inferno de determinadas simbologias religiosas, ou seja, o mundo e a situação em que se encontram. Quatro anos após o lançamento do vinil *Raio X do Brasil* (1993), com *Sobrevivendo no inferno* o grupo retorna ainda mais forte, reacendendo uma potência, “a fúria negra”, para expressar assuntos que ainda não morreram, ou seja, “A fúria negra ressuscita outra vez/ Racionais: capítulo 4, versículo 3” (RACIONAIS MC’s, 1997).

A fúria negra externalizada em versos que narram a disposição para enfrentar desafios apresenta afirmações provocativas, como: “Eu sou bem pior do que você tá vendo/ Preto aqui não tem dó, é 100% veneno” (RACIONAIS MC’s, 1997). A fúria negra também é apresentada e narrada, assumida e revelada. Porém, sem pregar o ódio, se posiciona para o enfrentamento da violência, por isso, simbolicamente, “Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição” (RACIONAIS MC’s, 1997).

Ao relatar a condição das juventudes periféricas, o grupo Racionais MC’s (1997) apresenta várias condições desses sujeitos, por exemplo: “Ontem à noite eu vi na beira do asfalto/ Tragando a morte, soprando a vida pro alto/ Ó os cara só o pó, pele e osso/ No fundo do poço, uma pá de flagrante no bolso”. Entretanto, fugindo à lógica do sistema, que pretende colocar uns contra os outros, entende-se que “Veja bem, ninguém é mais que ninguém/ Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também”. Em outro momento:

Têm uns quinze dias atrás eu vi o mano/ Cê tem que ver/ Pedindo cigarro pros tiozinho no ponto/ Dente tudo zoad, bolso sem nenhum conto/ O cara cheira mal, as tia sente medo/ Muito louco de sei lá o quê, logo cedo/ Agora não oferece mais perigo/ Viciado, doente, fodido, inofensivo. (RACIONAIS MC’s, 1997).

É importante perceber como as músicas vão expressando a construção desde o sujeito perigoso até o sujeito inofensivo – o primeiro, por ser a encarnação do pânico; já o segundo, é traduzido da condição de jovens que se encontram em situação de rua, em muitos territórios. O sujeito inofensivo não é dócil: foi docilizado porque foi entorpecido não de substâncias psicoativas, mas de falta de humanidade. Por certo,

não oferece mais perigo, porém, não está isento de receber projeções do outro, ou seja, conforme o contexto, a sua imagem poderá representar perigo.

De acordo com outra concepção, “Capítulo 4, versículo 3” denuncia os modos como a violência e o racismo são administrados e produzidos, questões pertinentes para analisar as construções do *necropoder* e da *necropolítica* à realidade brasileira (Mbembe, 2018b). Expressa também contextos diferentes acerca das relações étnico-raciais entre grupos da mesma raça, porém, nem sempre da mesma posição: “Um dia um PM negro veio embaçar/ E disse pra eu me pôr no meu lugar/ Eu vejo um mano nessas condições: não dá/ Será assim que eu deveria estar?” (RACIONAIS MC’s, 1997). Em contexto diferente, revela: “Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério/ Explode sua cara por um toca-fita velho/ Click, plau, plau, plau e acabou/ Sem dó e sem dor, foda-se sua cor” (RACIONAIS MC’s, 1997).

Essa é a “fronteira do céu com inferno”, em que histórias se encontram, mas nem sempre se cruzam; em que histórias são dissipadas pelo desprezo; em que juventudes são exterminadas por vários tipos de violência – física, psicológica, moral, simbólica, patrimonial, política, cultural, social, etc. Assim, portanto, para superar as estatísticas anteriormente apresentadas, é necessário, como afirmam os Racionais MC’s (1997), ser “violentamente pacífico”.

O drama do negro

*Negro drama, cabelo crespo e a pele escura/
A ferida, a chaga, à procura da cura/
Racionais MC’s, “Negro drama”, 2002*

A música “Negro drama”, dos Racionais MC’s, de 2002, apresenta dois relatos acerca da experiência do ser, do estar e do se fazer negro na sociedade: o primeiro, de Edi Rocky, e o segundo, de Mano Brown, ambos integrantes do grupo. Trata-se de mais uma música que virou ícone para as juventudes periféricas, certamente pela identificação com as vivências narradas, as quais expressam desafios, vínculos, rupturas, relação materna, lutas, esperanças, superações, o modo de lidar com o dinheiro e também com a sua falta, bem como permitem refletir sobre o território em que vive: “O dinheiro tira um homem da miséria/ Mas não pode arrancar de dentro dele a favela” (RACIONAIS MC’s, 2002).

Observa-se que miséria se refere, comumente, à condição social e à econômica, e que, diferentemente, na música, favela é o lugar das relações afetivas,

do diálogo, da solidariedade, dos laços, do pertencimento geográfico, cultural, histórico e familiar. Isto é, miséria e favela não são palavras sinônimas. Porém, podem ser agregadas e manipuladas por outros sentidos e valores. Favela é um sentimento. É algo que se carrega no corpo. Pode ser um lugar de saída, permanência e chegada.

O “Negro drama” não dramatiza a sua situação, ao contrário, questiona a sua condição, tem conhecimento de seu sofrimento: “Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo/ O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fodido” (RACIONAIS MC’s, 2002). O “Negro drama” carrega uma história e nem tudo pode ser modificado imediatamente por ele; existem dimensões da vida que fogem ao seu controle, pois “A alma guarda o que a mente tenta esquecer” (RACIONAIS MC’s, 2002).

Em relação ao extermínio da juventude negra, pobre e periférica, a música apresenta significativa contribuição. Ao identificar uma das representações do Estado, afirma que ver o jovem em condições subalternas e – até mesmo morto – é aceitável por parte da sociedade, ou seja: “Desde o início por ouro e prata/ Olha quem morre, então, veja você quem mata/ Recebe o mérito, a farda, que pratica o mal/ Me ver pobre, preso ou morto já é cultural” (RACIONAIS MC’s, 2002). E esse olhar cultural é construído cotidianamente e historicamente, forma opiniões, legitima no outro a marca do preconceito. É esse olhar banalizado que naturaliza as expressões da vida, típico da multidão que forma a massa brasileira: “Veja, olha outra vez o rosto na multidão/ A multidão é um monstro sem rosto e coração” (RACIONAIS MC’s, 2002). São traços expressivos de uma sociedade racista que constrói no outro o monstro a partir de sua própria monstruosidade.

“Negro drama” afirma e questiona processos de identificação; apresenta os efeitos do outro no processo de formação do eu (LACAN, [1949]1998). A vida do “Negro drama” é constituída também por complexidades, contradições, problemas e ações estratégicas, que envolvem aqueles do seu meio e de outros lugares.

Problema com escola eu tenho mil, mil fita/ Inacreditável, mas seu filho me imita/ No meio de vocês, ele é o mais esperto/ Gíria e fala gíria, gíria não, dialeto/ Esse não é mais seu, ó, subiu/ Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu/ Nós é isso e aquilo. O quê? Cê não dizia?/ Seu filho quer ser preto, rááá, que ironia/ (RACIONAIS MC’s, 2002).

O *rap* dos Racionais MC’s conseguiu mostrar a realidade das juventudes periféricas para outros jovens não periféricos. Trata-se de um *rap* também educativo,

mas que não foi aceito por algumas escolas, bem como outros espaços educacionais. “Negro drama” conseguiu apresentar o drama do negro que, mesmo superando a violência e outras questões, continua lutando. Por fim, revela um modo de viver que não deixa de ser questionado:

Aí, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você. Morô, irmão? Você tá dirigindo um carro, o mundo todo tá de olho em você, morô? Sabe por quê? Pela sua origem. Morô, irmão? É desse jeito que você vive. É o Negro Drama. Eu não li. Eu não assisti. Eu vivo o Negro Drama. Eu sou Negro Drama. Eu sou fruto do Negro Drama... (RACIONAIS MC's, 2002).

Considerações finais

A música *rap* acaba por exercer a função simbólica do pai na vida de muitos jovens negros e periféricos e é fonte de expressão afetiva, reflexiva, educativa e política. Por meio do ritmo musicalizado e dos versos sincronizados com rima são narrados os desejos, as pulsões e as angústias a partir do olhar de dentro, ou seja, daquele que vivencia tal realidade. Com essas considerações, a proposta, aqui, foi dialogar com a questão e o título deste texto: O que o *rap* tem a dizer sobre o extermínio da juventude negra, pobre e periférica?

Ao analisar as músicas dos Racionais MC's – sem ter a pretensão de esgotá-las, bem como as respectivas contribuições e análises aqui apresentadas –, percebe-se que a questão do extermínio da juventude negra, pobre e periférica foi um dos principais temas tratados pelo grupo e tornou-se uma temática viva em suas produções. Isso leva a pensar que a construção da cultura *hip-hop* no país, em cada território, com as suas especificidades, possibilitou que muitos jovens pudessem estabelecer uma comunicação própria, com base em suas vivências, produzir algo deles para eles, e ainda alcançar outras esferas sociais.

A narrativa do *rap* sobre o extermínio, como vimos nas músicas dos Racionais MC's, demonstra que enquanto for praticado – seja com as mortes, a negação de direitos humanos, do racismo etc. –, a juventude negra, pobre e periférica, a mais acometida, sempre terá o que dizer.

Esse sujeito tem que lidar com feridas narcísicas emergentes de sua relação e formação próprias, em uma sociedade historicamente racista, em que o convívio com o Estado é contraditório, pois, comumente, de um lado, trata os jovens sem conhecê-los enquanto sujeitos culturais, e de outro, o mesmo Estado que se

apresenta como protetor desenvolve ações de extermínio, expressão, nesse caso, da marca narcísica de poder e dominação.

No caso brasileiro, essa situação pode ser mais complexa, pois o extermínio – em suas várias formas e por seus diversos motivos – se expressa na vida cotidiana como prática cultural pulsante; ele é naturalizado, consentido por parte significativa da sociedade e, assim, da ordem do desejo.

Por fim, é relevante dizer que durante o processo de revisão final deste artigo, 27 pessoas⁸ foram exterminadas em uma incursão da polícia civil na comunidade do Jacarezinho, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no dia 6 de maio de 2021. Na ação, um policial morreu. Segundo informações, a ação teria sido planejada há alguns meses. Na verdade, o plano para exterminar corpos negros, pobres e periféricos, no Brasil, é sócio-histórico, ou seja, planejado há séculos. E como foi exposto, anteriormente, por meio das músicas dos Racionais MC's, trata-se também de uma questão estrutural e cíclica, o que nos convoca para ações efetivas de enfrentamento.

Artigo recebido em 24 de dezembro de 2020.

Aprovado para publicação em 21 de junho de 2021.

Referências

ARRUDA, D. P. Dimensões subjetivas do racismo estrutural. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v.13, n. 35, p. 493-520, fev. 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/915>. Acesso em: 14 maio 2021.

ARRUDA, D. P. O que é genocídio?. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n.33, p. 472-489, ago. 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/898>. Acesso em: 14 maio 2021.

BAMBAATAA, A. O quinto elemento. Entrevista realizada por Luiz Felipe Mazzoni. *Revista Da Rua*, número 5, São Paulo: Escala [s.d.].

CERQUEIRA, D. et al. *Atlas da violência*. Rio de Janeiro: Ipea, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018

⁸ Conforme informações disponibilizadas pelo portal G1, todos são homens, sendo a maioria negros e jovens. Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/14/jacarezinho-saiba-quem-sao-onde-morreram-e-o-que-dizem-familias-e-policia-sobre-os-27-mortos.ghtml>. Acesso em: 05 junho 2021.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, [1952] 2008.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, [1921] 2011a.

FREUD, S. *Mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, [1930] 2011b.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Apresentação Fernando Henrique Cardoso. 51. ed. rev. São Paulo: Global, [1933] 2006.

GOMES, N. L. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In: HENRIQUES, Ricardo. (org.). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/2003*. Brasília: Secad/MEC, 2005, p. 39-62.

KON, N. M.; ABUD, C. C.; SILVA, M. L. da. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 20178

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, [1949] 1998, p. 96-103.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, [1953] 1998, p. 238-324.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1, 2018^a.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1, 2018b.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

RACIONAIS MC'S. Pânico na Zona Sul. *Consciência black*, v.I. [Disco]. São Paulo: Eldorado, 1989

RACIONAIS MC'S. Racistas otários. *Holocausto urbano*. [Disco LP]. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990

RACIONAIS MC'S. Voz ativa. *Escolha seu caminho*. [Disco LP]. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992

RACIONAIS MC'S. Capítulo 4, versículo 3. *Sobrevivendo no inferno*. [CD]. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

RACIONAIS MC'S. Negro drama. *Nada como um dia após o outro dia*. [CD]. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

WASELFISZ, J. J.. *Mapa da violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil*. Brasília: Flacso Brasil, 2016.